

COLEÇÃO MUNDO AFORA



IRENE SOLÀ
Te dei olhos e olhaste as trevas

TRADUÇÃO
Luis Reyes Gil

*mundaréu

©Editora Mundaréu Ltda. (esta edição e tradução), 2024

© Irene Solà, 2023

Publicado por acordo com Casanovas & Lynch Literary Agency.

Primeira edição ©Editorial Anagrama, S.A., Barcelona, 2023

TÍTULO ORIGINAL

Et vaig donar ulls i vas mirar les tenebres

TRADUZIDO DO CATALÃO POR

Luis Reyes Gil

EDIÇÃO

Silvia Naschenveng

CAPA

Estúdio Pavio (a partir da ilustração “Almas del Purgatorio consoladas con una ofrenda”, ©Photo The Morgan Library & Museum / Art Resource, NY / Scala, Florence, 2023).

DIAGRAMAÇÃO

Luis Otávio Ferreira

PREPARAÇÃO

Marina Waquil

REVISÃO

Vinicius Barbosa

A tradução desta obra
contou com o apoio

 **institut
ramon llull**

Edição conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Solà, Irene

Te dei olhos e olhaste as trevas / Irene Solà ; tradução Luis

Reyes Gil. -- São Paulo : Editora Mundaréu, 2024.

Título original: Et vaig donar ulls i vas mirar les tenebres.

ISBN 978-65-87955-27-8

1. Ficção catalã I. Título.

24-228345

CDD-849.93


Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura catalã 849.93


Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MUNDARÉU LTDA.

São Paulo — SP

 editoramundareu.com.br

 vendas@editoramundareu.com.br

 editoramundareu

SUMÁRIO

9	MADRUGADA
33	MANHÃ
53	MEIO-DIA
75	TARDE
93	ANOITECER
111	NOITE
155	NOTA DA AUTORA
159	AGRADECIMENTOS



Para Oscar



MADRUGADA

gonosznak látszott, pedig csak öreg volt¹

Anna T. Szabó

A escuridão era roxa e movediça, opaca, grená, e também azul, fremente, mosqueada, cega, espessa, funda e brilhante ao mesmo tempo. Estava infestada de vermes, de galhos, de tremores, de nervuras, de nódoas. As manchas, indiscerníveis, eram as paredes abauladas de um aposento, o teto, uma cama, uma mesinha de cabeceira, uma cômoda, uma porta e uma janela. As trevas crepitavam. Agitavam-se, murmuravam. Roncavam. O ronco era nasal, amortecido e áspero. Rangia, engolia e sufocava. A fonte do bramido era a cama, o vulto que dormia no meio. Uma mulher velha. Corpulenta. A Bernadeta estava de olhos fechados, pálpebras de lagartixa, sem cílios, a boca aberta, os lábios lilás esmaecidos, os cabelos sebosos e compridos, espalhados pelo travesseiro. Era feia. Ou assim achava a outra mulher, a Margarida, sentada ao seu lado numa cadeira de vime, com as mãos juntas no regaço, girando os polegares.

¹ parecia malvada, mas era apenas velha. [N.T.]

Na cama, a Bernadeta aspirou uma lufada brusca de ar, abandonou pela metade o ronco abafado e parou de respirar. Lá fora ouviu-se o canto de uma coruja e depois, silêncio. A Margarida parou os polegares. Esticou o pescoço, observou a velha e, por um momento, pensou que ela já tinha ido. Que havia chegado a hora. Mas o abismo escuro da boca da Bernadeta suspirou, inalou e retomou a ronqueira. E a Margarida voltou a se recostar na cadeira e continuou girando os dedos. Era uma velha desmilinguida, com cabeça de pardal, olhos severos, boca inflexível, bochechas magras, pescoço enxuto e ombros caídos. E rezava. A noite inteira rezando, coitada da Margarida. Porque o Senhor ordena que você reze e faça rezarem. Mas como a Margarida não podia fazer rezarem, porque a língua das suas parentas, as que tinham língua, era um troço incapaz de dizer algo de bom, então rezava ela. Na esperança de que, se rezasse muito, cedo ou tarde Deus iria ouvi-la. E conseguiria distingui-la no meio de tantos pecados e tantas pecadoras. Iria acolhê-la em seus braços de pai e diria que não deveria tê-la desamparado nunca, “filhinha”, que a Margarida era boa e era santa e que estava perdoada. Perdoada das coisas que havia feito, e das que haviam feito as outras.

Primeiro rezava pelos ausentes. Pelos que tinham partido e não tinham voltado. Pelo seu homem, Francesc. Pelos seus filhos, Bartomeu, Esteve e Raposa. E pelo seu pai, Bernadí. Mas não rezava pelo Martí, o Suave, nem pelo Martí, o Manco, porque não tinham nada a ver com ela. Depois pelas mulheres da casa. Pela sua mãe, Joana, embora fosse ruim, e pela sua irmã Blanca, embora fosse uma desencaminhada. Pela sua sobrinha Àngela, mesmo sendo um desperdício rezar pela Àngela, e também por sua sobrinha-neta, a Dolça, embora ela devesse apodrecer no inferno para que a ouvissem gritando sob as pedras por ser filha de quem era. E até por Elisabet rezava, embora nem fosse sua parenta, porque

cada pai-nosso que rezava por Elisabet contava por três. Pela Bernadeta também rezava.

Mas vigiava sobretudo a velha, que dormia como uma fruta podre caída da árvore. Porque quando a Bernadeta morresse, a Margarida queria estar ali. E queria ver. Queria ver como a graça e a salvação divinas lhe eram negadas, por ela ter se imiscuído tantas vezes com o diabo.

A Margarida aguardava a morte com expectativa. A própria. Imaginara sua passagem como um lampejo luminoso, um espasmo de glória, um gozo definitivo, um êxtase sufocante ao som dos alaúdes e trombetas de um círculo de anjos. Aleluia! Louvados sejam os desígnios do Altíssimo! Louvado seja Nosso Criador! Imaginara isso tantas vezes que era como se tivesse acontecido. As portas do Céu, como se abriam à sua passagem. Os querubins cantando. Tinham as bocas rosadas, os lábios carnudos, as bochechas aveludadas, os olhos úmidos de júbilo. Iam descalços e vestiam coroas de ouro e túnicas de seda amarradas na altura do peito com fios que também eram de ouro. No meio dos anjos estava Nosso Senhor. Nosso Senhor, que tinha um rosto que se confundia com o do Francesc, com uma covinha no meio do queixo, e as mãos ásperas e cheias de anéis, que seguravam o rosto dela para beijá-la, como seu homem a beijara no dia em que se casaram. “Bem-vinda à Glória”, dizia Ele. E então, quando em meio à luz fulgurante criada pela alegria Margarida voltava a distinguir a boca do Senhor diante dela, os olhos do Senhor como duas colheres, Ele a olhava tão de perto, tão rente, que via todas as coisas que a pobre mulher ainda tivera de viver a mais, e chorava lágrimas que pareciam de leite.

Mas que pena!, meninas, que decepção. Porque quando Margarida morreu, com as mãos juntas, as unhas, primeiro rosadas, depois brancas, a boca aberta e os olhos enevoados que já

vislumbravam alegrias eternas, toda ela preparada, arquejante, desejosa e entregue, não houve nem querubins, nem trombetas, nem lampejos luminosos, nem espasmos de glória, nem gozos definitivos, nem êxtases sufocantes. Apenas uma corriola de mulheres sujas e mal-encaradas. Grotescas e ordinárias. Isso mesmo. Tão triste quanto soa. Porque quando o coração pequeno, três quartos, da Margarida disse, chega!, desfalecido, feito um nó, acabou, fui!, suas parentas a rodearam. E em vez do Céu e dos anjos e das mãos de Deus enxugando-lhe as bochechas, sua mãe Joana, como uma égua desdentada, sua irmã Blanca, que foi a única que lhe alegrou um pouco ver, e mesmo assim não muito, sua sobrinha Ângela, cuja expressão de javali a morte conservara, e a Elisabet, que, se a Margarida não estivesse com os sentidos tão fracos e aturdidos, lhe teria arrancado todos os cabelos da cabeça, todas elas a rodearam. Mas estavam mortas! As quatro. Santa Mãe de Deus, sim, porque algumas já haviam morrido há anos. Almas condenadas! A Margarida se revirava, incapaz de dizer nada, de tão apavorada. Mas não importava, ninguém a teria ouvido, porque suas parentas gritavam “Margarida, Margarida, MARGARIDA!”, enquanto a levantavam pelas axilas e riam, e sua mãe sorria para ela mostrando as falhas dos dentes e dizia “Bem-vinda, Margarida, bem-vinda!”, como se fosse o próprio demônio abrindo-lhe as portas do inferno. A pobre Margarida, ainda morna, olhou-as com os olhos como dois pinhões, horripilantes como estavam, assustadoras!, mais feias ainda do que como as recordava, e achou que estava sonhando, que não era possível, não tinha morrido, não era assim, de jeito nenhum, não, não, não, por favor, Senhor, por favor, pelo amor de Deus, pela Virgem e por todos os santos e todos os anjos.

Se fosse pela Margarida, quando a Bernadeta morresse, porque não devia faltar muito, não fariam festa nenhuma. Tudo o que

suas parentas preguiçosas pensavam e diziam ultimamente, que os talheres isso, que o cabrito aquilo, que as taças de pé azul, os bolinhos ou a *sosenga*², tudo tinha a ver com a festa, com a festa, com a festa e só com a maldita festa. A Joana, sentada na cozinha, enfiada no seu canto, ficava só mandando, traga aqui, leve ali, faça isso, faça aquilo, e as mulheres perambulavam pela casa, em conchavo. Se fosse pela Margarida, quando a velha morresse, organizariam uma recepção sóbria, austera, respeitosa e serena. Não como a sua.

E como chorava. Como chorava a pobre Margarida quando, em vez de subir ao Céu e ser recebida pelo pastor de almas, foi arrastada escada abaixo, embora por ela podiam até tê-la feito rolar lá de cima, por aquelas mulheronas da casa, insistentes, que viviam cutucando feridas. Foi levada até a cozinha, e a puseram sentada à mesa posta, com pratos, copos e caçarolas. E abriam a boca e bebiam e comiam e falavam aos berros e batiam palmas e brindavam e celebravam e ficavam em pé, esticavam o pescoço e erguiam os braços. O prato repulsivo que colocaram na frente dela se encheu de lágrimas. Como uma sopa. Mas nenhuma de suas parentas se dignou a consolá-la. Nenhuma. Nem sua mãe. A mãe que a arrancara de dentro de suas entranhas. E que era só deboche e gritaria, e bebia e contava casos e dava pancadas na mesa com a bunda, a mãe dela. Só excitação e farra, a Joana. Trepara em cima do banco. A Margarida a olhava, amedrontada. As outras gritavam e atiçavam. Dançava! Como se não tivesse memória ou quisesse espantá-la. Como se não lembrasse o que não queria lembrar. Como se naquela cozinha horripilante, cheia de fantasmas, as coisas passadas não importassem mais. Vidas inteiras. As filhas e as mães.

² *Sosenga* é uma fritura típica da Catalunha, parte do receituário medieval, que se acredita ter cerca de oito séculos de antiguidade. [N.T.]

A casa rangeu como se seus ossos estalasse. Depois houve um longo silêncio, interrompido pela coruja lá fora, seguido por mais silêncio. A noite se enroscara dentro do casarão como um predador, e as sombras passeavam sem pés pela casa. Cada canto tinha um negror próprio, pesado, cavernoso e profundo. Os aposentos onde a Bernadeta dormia eram tetricos. A sala era tenebrosa. As escadas pareciam um poço. A entrada era sinistra. A cozinha era a boca de um lobo. Sem fundo. As paredes, a lareira, a janela, a mesa, as cadeiras, a pia, não dava para ver nada. Como se não existissem. Como se não houvesse cozinha, nem casarão. Só escuridão. Joana sentada no seu banco. Era uma mulher muito velha. Tinha cara de cavalo, um olho mais aberto que o outro, cabelo grisalho e desalinhado, como uma crina, braços grossos, barriga larga. Aquele era o lugar dela. O banco junto ao fogo, mesmo que agora a lareira nunca fosse acesa.

Joana se casara como o herdeiro do Mas³ Clavell, em Sant Miquel dels Barretons, há mais anos do que era possível contar. A cerimônia havia sido simples, austera, e realizada no meio da manhã, para que os noivos tivessem tempo de chegar em casa antes do anoitecer. Marido e mulher haviam se enfiado por trilhas escabrosas e caminhos estreitos, escarpados, com todos os tons de verde. Atravessaram serras, passagens, barrancos, desfiladeiros, riachos e depressões frondosas e úmidas, entre faias e choupos, bétulas e avelaneiras, carvalhos, olmos e medronheiros, que se adensavam e espremiavam como um abraço sufocante, até que a luz caía sobre as roupas dos recém-casados como um punhado de moedas extraviadas. A Joana e o Bernadí avançavam por aquelas montanhas inóspitas e emaranhadas o dia inteiro, e só paravam quando encontravam oratórios. O Bernadí abaixava a cabeça,

3 *Mas* (*masía* em espanhol) é uma espécie de chácara ou casa de fazenda, uma construção rural, normalmente com um casarão residencial, rodeado por hortas, cultivos e instalações para criar animais e armazenar implementos. [N.T.]

apertava os olhos e pedia ao Senhor que não deixasse que o caminho deles cruzasse com o de lobos e malfeitores. Joana se aproximava dele e juntava as palmas, mas não rezava. Fitava-o. Porque já estavam casados, mas fazia só três dias que se conheciam, e ela mal pusera os olhos nele. Observava as mãos roxas cheias de calos, os dedos como linguças, o cangote peludo, as costas desmesuradas, o nariz como um nabo, a testa toda franzida e a barba espessa, que trepava pelas bochechas feito um arbusto, até as sobrancelhas. Mas as preces do Bernadí foram em vão, Joana mal teve tempo de concluir que seu marido parecia um varrão, porque depois do meio-dia os bichos ruins desataram a cantar. Faziam o sangue gelar nas veias. Cada uivo era uma adaga fria que descia pelas costas até o ventre; se você não respirasse não te furava, só remexia a comida em seu estômago. E o Bernadí, que já os pressentia há um tempo e espreitava ansioso os tons de verde e azul entre as árvores e os movimentos repentinos dos galhos, maldisse e cuspiu. Ia na frente, enquanto a Joana o observava desconcertada, porque ele dava chutes nas pedras e nas árvores e, sem parar de andar, girava o pé esquerdo como se não fosse dele e o arrastava pelo chão com violência. Ainda não haviam dado nem cem passos subindo desde que os bichos haviam começado a uivar quando, rangendo os dentes, o Bernadí se lançou de joelhos sob aquele matagal hostil, e de dentro da alpargata tirou um pé cinza, de unhas grossas e amarelas, que coçou e coçou com vontade. E então Joana viu. Santa Luzia! Mãe de Deus! O Bernadí tinha um pé peludo e fedido, com apenas quatro dedos. Quatro apenas! O coração da Joana quase saiu pela boca de tanta alegria. E a duras penas ela conseguiu resistir ao impulso de se ajoelhar e encher aquele casco de beijos, tal como Maria Madalena. Mas então o Bernadí se acalmou. Calçou o pé avermelhado e esfolado, e marido e mulher continuaram andando, com o cair da tarde e o alarido dos bichos em seu encalço.

Antes de chegar ao Mas Clavell, o Bernadí, taciturno e pragmático, disse que na casa dele eram cinco irmãos, mas que os outros quatro tinham sido arrebatados pelas feras. Primeiro elas comeram as ovelhas. E quando não sobraram ovelhas, se enfiaram na casa, e com exceção de um braço e um pedaço da cabeça da menina, devoraram seus irmãos todinhos. E o Bernadí, que era o mais grandalhão, debateu-se como um doido, gritou feito um condenado, e não foi comido pelos lobos. Eles deviam ter achado que daria muito trabalho. Arrancaram apenas o mindinho do pé esquerdo dele com uma mordida desajeitada. E, em vez do mindinho, ele tinha agora no pé uma cicatriz branca, brilhante e protuberante que coçava feito o diabo quando ele ouvia lobos uivando.

A mãe do Bernadí adoeceu depois que os lobos devoraram quatro dos seus filhos como se fossem frangos. Inchou. Primeiro os pés, arroxeados. Depois os joelhos, pretos. Em seguida a barriga, como um pássaro caído do ninho. E morreu. E quando as feras, como se entendessem de afrontas e injúrias, a desenterraram da sepultura e lhe comeram o rosto e as mãos, o Bernadí e seu pai, que haviam ficado sozinhos, exclamaram, agora chega dessa história! E iniciaram uma guerra. Encomendaram-se a são Defensor, a são Brás Glorioso, a são Paulo, a santa Ágata e a santo Antônio, guardai-nos do mal e do demônio, do lobo e do cão e de todo bicho ruim, e se meteram a procurar tocas. Que ficam sempre voltadas para o sul e à beira-d'água. E a destripar filhotes. Que mamam até os vinte e cinco dias. E se puseram a fazer laços com nós corre-diços sobre a armadilha. Colocavam uma presa na ponta de uma tábua à beira de um precipício. Firmavam a tábua com uma pedra, coberta com ramagens. E o bicho, quando subia ali para pegar comida, despencava. Armavam flechas de duas em duas, com crina de égua. Amarravam seis ou sete, enfileiradas, torciam-nas, uma num sentido, a outra no sentido oposto, e quando estavam bem

pontudas, enfiavam-nas dentro de um pedaço de carne pequeno o suficiente para ser engolido de uma vez. Espalhavam um pouco da carne aqui e ali, e os lobos a engoliam da armadilha sem mastigar. Ao digeri-la, os engodos se abriam, atravancavam e furavam as tripas do bicho.

Nos anos bons, na fronteira de Dosrius⁴, pai e filho caçavam os lobos de oito em oito. Em Vilamajor, de sete em sete. Perto de Sant Hilari, meia dúzia por vez. Em Espinelves e em Viladrau, capturavam as lobas maiores; ao pé das montanhas Agudes, as ninhadas mais numerosas, e em Sant Sadurní d'Osormort, e em Sant Celoni, e em Vilanova de Sau e Rupit i Folgueroles, matavam tantos que perdiam a conta. O Bernadí e seu pai localizavam os animais e avisavam as casas envolvidas, que então congregavam as pessoas das redondezas e, a um sinal do mestre-lobeiro, que era o velho, gritavam e batiam ferros para fechar o círculo da batida e conduzir os lobos até as veredas, poços e barrancos onde os atiravam. Onde os matavam a golpes de pedras, dardos, fundas, azagaias ou forcados de lobo, onde os esfolavam vivos ou entregavam aos cães para serem destroçados. O pai do Bernadí gostava das batidas. Pela companhia, e pelos gritos e risadas dos homens, e pelo terror e pelos ganidos dos lobos diante da turba. Mas um dia, perto de Seva, uma fera encurralada se atirou sobre o velho e lhe mordeu o rosto, de tal maneira que, quando mataram o bicho, este ainda tinha o focinho aferrado à boca do homem. Como se estivessem se beijando. O velho ficou com a mandíbula destroçada e as bochechas furadas, e mal conseguia engolir, mas não demorou para que isso não lhe fizesse mais falta. Porque a loba tinha raiva. E ele, ao contrair a doença, ficou com aversão a comida e água. Primeiro se queixou de dor de cabeça. Depois os músculos de seu rosto passa-

⁴ Dosrius (“dois rios”) é um pequeno município na província de Barcelona, assim como os citados em seguida no trecho. [N.T.]

ram a se mexer sozinhos, e dava para ver seus dentes pelos orifícios das bochechas. Então começou a se retorcer. Depois entrou em convulsão. Soltava espuma pelo nariz e pela boca. E o Bernadí pensou, e sentiu calafrios, que se ele também fosse pego, se as feras traçoeiras o atacassem pelas costas e o comessem em alguma caverna, teriam vencido a batalha. Abreviou o sofrimento do pai e correu até o povoado mais próximo, que era Seva, para procurar uma mulher com quem se casar.

A Joana, que transpirava e bufava acompanhando as passadas nervosas do noivo, pensou no quanto havia esperado por ele! Sim, havia esperado. E como! Porque a Joana já pedira um homem de todas as formas que é possível pedir um homem. E ele não vinha. Havia pedido a Deus e à Virgem e a santo Antônio, mas eles não a ouviam. Até que a Cambeta, uma velha que fazia serviços com ela em Seva, que só comia sopa de pão com leite por não ter nenhum dente — e Joana não queria ser como a Cambeta, olhava para ela e pensava, meu bom Deus, como a Cambeta, não, por favor, sozinha e velha e sem dentes, tomando sopa de pão com leite —, e a velha lhe perguntou, “Tá chorando por que, criatura?”. Joana respondeu que chorava porque tinha cara de cavalo. Cara de égua. E depois de dizer isso chorou ainda mais, porque Deus e a Virgem e santo Antônio lhe haviam virado as costas e deixado que espichasse como uma alface, sem encontrar um casadoiro que a quisesse. Mas a Cambeta arriscou, “Se Um não te ouve, por que não pede ao Outro?”. Joana respondeu com um fiozinho de voz que não sabia como fazer para pedir alguma coisa ao Outro. A Cambeta se prontificou. Disse que, se Joana quisesse, podia explicar como era. Disse que, se ela pedisse apenas uma coisa, era melhor ir sozinha, de madrugada. Que tinha que matar um gato. Nem muito pequeno nem muito grande. Médio. E enfiar uma fava dentro de cada olho dele, uma fava na boca e uma fava no ânus. E que tinha

que enterrar o bicho, e sobre o montículo tinha que desenhar uma cruz, e aí mijar em cima da cruz. Então viria o demônio e ela poderia pedir o que tivesse que pedir.

A Joana o viu enquanto sacudia as ancas para enxugar o mijo. Entre as árvores. Primeiro os olhos. Porque cintilavam. Depois a mancha que era o pescoço grosso e a corcunda e as costas. E então o touro. Porque era um touro. Imponente. Preto inteiro ele, como a coisa mais preta que houvesse. Os chifres eram pretos, a carne dentro dos olhos era preta, pretos os cílios; as orelhas; pretos o focinho cheio de muco, a fronte cheia de redemoinhos, o pescoço cheio de veias, as patas, os cascos, a barriga e o lombo, as partes pudendas; pretos. Tão escuro que a noite parecia clara. E ele se aproximou. Seu pelo brilhava como se fosse água. Exalava vapor e fedia como se a água estivesse suja ou parada. Era um fedor vivo, que agredia. Joana soltou a saia e ficou em pé. O touro perguntou, com uma voz mais doce e melancólica do que seria possível imaginar, “O que queres, boa infanta?”. Joana respondeu como um passarinho cantando, “Quero um homem inteiro”, disse, “que seja herdeiro e tenha um pedaço de terra e um teto”. O demônio aceitou o trato. A alma da Joana em troca de casá-la. Depois foi embora, sob uma lua finíssima, à procura de alguma vaca. No dia seguinte, o Bernadí Clavell pediu a mão da Joana em casamento.

O Bernadí preferia o engenho à força bruta. O silêncio. A solidão. Quando seu pai morreu, caçava as feras com cepos e arapucas, que tinham braços cheios de pregos e pontas e se fechavam de repente. Mergulhava-os em suco de esterco para que as feras espertas não sentissem o cheiro do ferro e de gente. E seguia rastos e procurava fezes. As montanhas estavam cheias de fezes. As da fuinha, que cagava pelas trilhas, indiscriminadamente; — as fêmeas, cagalhões finos, os machos, grossos. As da gineta, que evacuava nas fendas das rochas, fazendo montinhos sempre

no mesmo lugar. As do texugo, que escavava latrinas. As da raposa, que cagava onde queria. Se ele pegasse algum desses bichos, também o matava. Com delicadeza. Punha o pé no pescoço deles, apertava as suas costelas e os asfixiava. As ginetas e as fuinhas deixavam-se capturar tranquilamente e morriam logo. Com os texugos e as raposas precisava ser mais paciente, esperar um bom tempo, até que se asfixiassem. Depois de matá-los, tirava-lhes os ossos, a carne e as vísceras pela boca, sem fazer nenhum corte. Enchia-os com feno dos bosques, até ficarem tesos e sem rugas, e então os vendia quando descia até os povoados.

Os lobos, ele não precisava matar com bons modos. Esses cagavam por toda parte. Bem no meio. Como um sinal. Nas encruzilhadas dos caminhos, em cima das rochas. Para serem vistos. Para serem reconhecidos. Os muito malditos sabiam como tinham que atacar cada coisa; as ovelhas pelo pescoço, os porcos pela barriga, as vacas pelas tetas, porque assim se agachavam; os cavalos e os asnos do jeito que desse, porque davam coices com as patas traseiras, e era melhor perseguir os burricos. Os pequenos pela cabeça. E caso encontrassem uma fêmea que recém tivesse parido, sabiam que tinham que puxar a bolsa e o cordão, para abrir feridas dentro. Quando acabavam de matar, cagavam mole, líquido e escuro, porque primeiro devoravam o sangue e as vísceras, que tingiam a merda de preto, e quando limpavam a carcaça faziam uns cocôs brancos, peludos e secos. Os demônios daquelas montanhas, Bernadí matava sem escrúpulos.

Por um lobo ou uma loba lhe pagavam cinco moedas. Por uma ninhada, mais cinco. E depois de pagar, davam-lhe um certificado, com selo, para que pudesse ir feliz da vida fazer a coleta pelas vilas. “Aqui está o traidor que esvaziava seu curral. Esse era o bicho ruim que fazia tanto mal a vocês e degolava a criação. Doem o que quiserem doar.” As pessoas lhe davam de presente frutas secas e

tortas, e o homem voltava para o Mas Clavell com as mãos cheias de cortes, um saco de moedas e outro de guloseimas. Sentava-se à mesa faminto, como se não tivesse comido nada desde que saíra de casa, e devorava a comida que Joana lhe punha na frente, elogiando-a com sons guturais, a cara rente ao prato e os olhos embaçados pelo vapor. O caldo do ensopado escorria por sua barba, seus dedos e cotovelos, e quando terminava, com as forças recuperadas, abraçava a mulher com as mãos oleosas. E Joana, debaixo daquele pinheiro de homem, descobria um cogumelo silvestre como não havia outro. Um cogumelo que enchia a mão dela inteira. E que ela acariciava com delicadeza, para não quebrar sua haste, frágil como manteiga. Porque Bernadí era feio como um varrão, isso ela podia dizer, mas que cogumelo! Mãezinha do céu, que cogumelo. Aveludado e rígido e bonito de endoidecer. Vermelho e branco e brilhante de orvalho. Como se todo o requinte, toda a beleza, toda a alegria tivessem se escondido ali embaixo, em forma de chapéu, anel, esporos e pé, enfiado como uma raiz na terra escura. Cogumelo, quem foi que te plantou? A Virgem Maria com cinco dedos e até aqui me trouxe!

Na segunda vez, o demônio se apresentou com aparência de homem. Numa noite encoberta, foi até o casarão para acertar as contas. Mas Joana gostava tanto daquela casa, que era como a concha para um caracol, como um corpo para uma alma, que foi como se olhasse para ele de dentro de uma couraça, de trás de uma muralha. Era um homem feio, macilento, calvo, com o rosto branco e a boca grande. E fedia tanto quanto o touro, mas dessa vez, na fedentina, Joana também distinguiu vestígios de cabra, de bunda e de fogueira. Não o convidou para entrar. O demônio a cumprimentou com voz delicada e pomposa, “Que tenhais uma ótima noite, boa infanta”. Ela não o cumprimentou. Foi logo disparando, “O Bernadí não é um homem inteiro”. Mas o bicho ruim parecia não

entender, e Joana precisou explicar, “Pedi um homem *inteiro*, que fosse herdeiro e tivesse um pedaço de terra e um teto, mas o Bernadí não é um homem inteiro”. O grande assador a olhava incrédulo. Joana emendou: “Ele não tem o mindinho do pé esquerdo”. Em seguida, ouviu-se um fragor e um estrondo terrível, e por quatro dias choveu a cântaros. Com o aguaceiro, desabaram as pontes de Sau, Querós, Sallent e Susqueda.

Joana não pensou mais no demônio, convencida de tê-lo engabelado, até que nasceu a herdeira. Margarida. Que foi uma criança magricela, de olhar sério e reprovador, o peito azul, assustado e frenético. Joana grudava uma orelha nas costelas dela e estremezia. Porque mesmo que não fosse visível, se você escutasse com atenção percebia; a criança tinha um problema no coração. Faltava um pedaço. Não é dizer que Margarida fosse de mau coração. Não. Nem que tivesse um coração frágil. Também não. É que seu coração era pequeno, duro, fibroso. Difícil de mastigar. Raioso. De lebre. Depois de Margarida, Joana deu à luz Blanca, que nasceu sem língua. A boca era como um ninho vazio. E Joana voltou a sentir o ferrão da suspeita, mas não ligou as coisas. Depois veio Esperança. Sua Esperança, pequena, tadinha, que nasceu sem fígado e morreu amarela como um pintinho. E parecia uma coisa impossível de fazer, abandonar aquele fardo, sozinho, de noite e escondido, num buraco frio e escuro na terra, perto do muro de Sant Miquel dels Barretons, para que assim ficasse perto de Deus. Mas Joana ainda não queria acreditar. E então teve o herdeiro. Teriam lhe posto Bernadí, como o pai, não fosse porque nasceu sem o orifício de trás e morreu, abarrotado como uma linguça. Com as carnes duras e roxas. E enquanto Bernadí levava aquele segundo fardo a Sant Miquel, Joana caiu em si. Entendeu. Compreendeu que tudo tem seu preço. E que o preço é alto demais, sempre. E que depois do trato que fizera e desfizera com o demônio, em razão do

dedo mindinho do pé que seu marido não tinha mais, toda a sua progênie nasceu com alguma coisa faltando. Olhou para a casa, para o marido, para a filha séria, para a filha muda, e pensou que era bem mais do que tinha a Cambeta. E à base de salgueiro, hera, raízes de avelaneira, poejo e cânhamo, estancou aquele fluxo de parir crianças ainda cruas.

Bernadeta proferia roncões profundos e ásperos, que ressoavam solitários. As paredes resistiam a eles e logo os engoliam. De vez em quando, o ritmo era quebrado porque a mulher se revirava na cama, suspirava e estalava os lábios. As pálpebras peladas tremiam. Margarida se sentava ao lado dela e rezava cada vez com mais veemência, porque estava no âmago mais escuro da noite, na hora escura pouco antes de raiar o dia, quando o demônio e seus enviados campeavam. Havia sido numa madrugada viscosa como essa que o demônio tentara sua mãe. Havia sido numa madrugada venenosa que Joana confessara a Margarida seu pecado imperdoável. A mulher berrava “Bernadí! O que fizeram com você? Bernadí, meu cogumelo!”, e Margarida, que ainda era uma mocinha boa e ingênua, a consolava. Parecia uma nossa senhora dolente, com as bochechas escorrendo e a cabeça caída para a frente, como se o pescoço tivesse se cansado de aguentá-la. Há três noites não dormia nada, porque o pai de Margarida não tinha voltado, e não voltaria mais, e Joana nem precisava fechar as pálpebras para imaginá-los, os lobos traiçoeiros despedaçando-o, “Bernadí!”. Aqueles malfeitores que lhe abriam a papada a fatias como se fosse um pão redondo que estivessem repartindo, “Bernadí!”. Os penhascos lamacentos que o engoliam e enfiavam barro e água suja em suas orelhas, como se o recheassem, “Bernadí! Bernadí!”. Margarida dizia “Ah, mãe”, e Joana gritava “Meu cogumelo, meu cogumelo”, exclamava, “Eu sei que está morto, eu sei, porque fiquei velha de repente!”, e em seguida se enfiava dentro das recordações, como

se fossem um bosque. Mas não adentrou sozinha naquele bosque pérfido. Não. Pegou uma mão de Margarida e puxou a coitada para debaixo das árvores. Levou-a pelos mesmos caminhos que Joana e Bernadí haviam trilhado depois de se casar. Margarida a ouvia, e de vez em quando repetia “Ah, mãe”, para consolá-la. Mas de repente o bosque em volta delas mudou. Ficou denso e nefasto, de mau agouro, e Margarida queria voltar para casa. Não queria prosseguir por aquele caminho. Não queria chegar perto daquela clareira que Joana indicava. Sua mãe a obrigava. Segurava-a com força, até a arranhava. E no meio da escuridão Margarida viu uma bunda branca, de costas, que urinava. Soltou um grito quando se deu conta de que era a bunda de Joana. Depois apareceu um touro preto e se aproximou de sua mãe. A mulher cochichou no ouvido dela “O demônio”, mas Margarida fazia que não com a cabeça, como um frango recém-depenado. Não a ouvia. Não. Não a escutava. Levava as mãos às orelhas, NÃO-NÃO-NÃO. Mas Joana, que tinha os olhos esvaziados como cascas de avelã e os dentes pontiagudos e esparsos, desgrudava as mãos dela das orelhas. A única coisa que Margarida queria, por favor, que ela lhe suplicava, era que Joana calasse a boca. Era esquecer aquele touro e ignorar o trato que havia feito com sua mãe. Não saber de nada, nem do seu coração de três quartos, nem da língua de Blanca, nem do fígado de Esperança, nem do ânus do herdeiro. A pobre moça se aferrava à mesa da cozinha e pensava em seu pai. Em Bernadí, que era bom, que tinha um cheiro ácido e de fumo, de sangue seco e suor, quando punha as duas meninas sentadas no colo e lhes ensinava o pai-nosso do lobo. Ou falava das coisas que Deus havia feito e das que o demônio havia feito. Dizia, “Deus fez as árvores e os rios e as montanhas e os bichos bonitos e rentáveis. E o demônio fez os bichos feios e selvagens”. Margarida, sentada nos joelhos dele, ficava imaginando. Deus fazendo o pintassilgo, e a andorinha e o

rouxinol. E o demônio, que para sujar o mundo fez o morcego, a coruja e o corvo. “Deus fez o gato, e o demônio fez o rato. Deus fez o cavalo, e o demônio, a cobra. Deus fez a ovelha, e o demônio, a cabra”. Mas Joana enfiava uma língua espinhosa dentro das orelhas de Margarida e a sacudia como se quisesse arrancá-la do colo do seu pai. Deus fez a pereira, e a macieira, e o castanheiro, e a vinha, e o esparto e a roseira, e o demônio fez o pilriteiro, e o castanheiro e o espinheiro, e a carqueja e a rosa-canina. Deus fez o alecrim, e o demônio, a arruda. Deus fez o trigo, e o demônio, o joio. Deus fez a abelha, e o demônio, a vespa. Deus fez a joaninha, e o demônio, a barata. Deus fez a águia, a rolinha, o tentilhão, o melro e a cotovia, e o demônio fez a gralha, o gaio, o pardal, o tordo e o gavião. E quando, apesar de tudo, Deus ainda estava ganhando, o demônio fez o lobo, para se vingar. O pai delas sempre dizia, com a Margarida numa perna, a Blanca na outra, que nunca podiam sair de casa sozinhas, nunca, nunca, nunca. Porque, no meio dos cagalhões dos demônios com formato de bicho que ele caçava, encontrava roupinhas e ossinhos de crianças. Em Osor, desde que ele começara a contar, os lobos já haviam comido oito crianças. De Susqueda, haviam devorado sete. De um casarão de fazenda perto de Tavertet, haviam matado duas e ferido outras duas. De um casarão perto de Viladrau, mais duas. Em Sant Sadurní d’Osormort, uma menina que pegaram de um berço e três que já andavam, em Campins, duas meninas e a mãe delas, de Sant Feliu de Buixalleu, três meninos, um médico e um jumento.

Quando o jorro de veneno de Joana secou, já era de dia. A luz entrava pela janela. E a Margarida de repente percebeu que via a mesa, as cadeiras e a lareira apagada. Sua mãe tinha a cara amassada, os olhos frios, a boca obstinada, e pela primeira vez lhe pareceu uma mulher velha. Feia. Pérfida. Então ouviram os gritos. No alpendre. “Salve Maria!”, saudavam, “Salve Maria!”. E mãe e

filha ficaram em pé, mas não tiveram tempo nem de se pentear, nem de enxugar o rosto, e um homem entrou pela casa, como a luz da manhã, sem bater. Cruzou a entrada e se enfiou na cozinha. Fez uma reverência minúscula e disse a elas, “Patroas”. E a Margarida o fitou, abismada, e pensou, deve ser um príncipe. Ou um anjo. Nenhum olho que não tivesse estado na Glória poderia ter contemplado um homem como aquele. E seu coração e seus membros enregelados ganharam vida, porque imaginou Nosso Senhor dedicado a fazê-lo. No mesmo dia em que fizera os pintassilgos e as andorinhas. Do melhor barro. Do barro que usou para criar os animais bonitos e rentáveis. Com as mãos. E então viu como modelava aquela boca, no lugar onde fica a boca, e dentro dela punha os dentes, um por um, e como fazia a covinha no meio do queixo, e os olhos, como duas tochas. Como esculpia aquele pescoço de potro, o peito e as costas, as pernas, com os joelhos redondos. Como cinzelava seus dedos, que seguravam a caneca que a Joana lhe oferecera, sem beber. E como lhe colocava uma unha em cada ponta, feito joias. Os lábios falavam. Chamava-se Francesc Llobera. Contou que era o irmão mais novo de uma chácara, o casarão Mas Llobera, perto de Viladrau, onde as mulheres morriam como moscas, e por isso queria ir embora dali, disse. Para não morrer ele também, de tanto ver o pai e o herdeiro, seu irmão mais velho, casando-se com uma mulher atrás da outra. Quando sorria, seus lábios se esticavam. Olhava a cozinha, as paredes, o teto, a viúva, a herdeira. A Joana disse, “É boa, saudável e trabalhadora”. O Francesc perguntou, “Você tem outra filha?”. Joana respondeu “Tenho, a Blanca, mas é abobada”. Porque Blanca ficava olhando as galinhas. Como bicavam o chão, distraídas. E o galo, o jeito como levantava uma pata, e como levantava a outra. E como estufava o peito e cantava. Mexia as asas curtas, que não voavam. Girava o pescoço e se coçava. Gritava de novo e se arrepiava todo. A crista

e a barbela ricocheteavam. A galinha se agachava e o galo trepava em cima. Pisava nas costas dela com as patas, agarrava-a pelas penas do pescoço com o bico, e os dois se sacudiam.

E então a Joana disse que se o Francesc e a Margarida se casassem, e o coração de três quartos da Margarida deu um pulo, mas Joana continuou dizendo que se o Francesc e a Margarida se casassem, e a Margarida pensou que Deus devia amá-la muito para lhe dar um marido como aquele homem!, mas a Joana ainda dizia que se o Francesc e a Margarida se casassem teriam que manter e ter dentro de casa, pelo resto de sua vida natural, a sogra e mãe respectiva, que era ela, e a cunhada e irmã respectiva, que era a Blanca, na saúde ou na doença, e provê-las de comida, bebida, calçado e roupa, e, quando partissem, seria preciso dar-lhes sepultura. E o Francesc olhou para a Margarida, que estava sentada quieta, calada, com o coração ainda em sobressalto, a cabeça baixa, as mãos sobre o regaço, e a escolheu. Dentre todas as moças que havia para escolher, dentre toda a longa fileira de mulheres do mundo, com seus olhos e seus cabelos e seus jeitos de olhar, ele disse, é esta. E apontou para ela.

Prepararam um prato de nabos com molho de nozes. Limparam os nabos, depois os cortaram e ferveram duas vezes. Escorrem os vegetais e numa caçarola fritaram levemente a cebola com banha, e quando a cebola cozinhou, retiraram-na. Na gordura que ficou puseram farinha, e quando engrossou acrescentaram os nabos. Fizeram o molho de nozes à parte. Com nozes, leite, cebola frita e vinho. E prepararam pombos ao molho pardo. Depenaram os pombos e retiraram os fígados, que picaram com miolo de pão molhado com vinho e vinagre. Ferveram três ovos e separaram as gemas para misturá-las ao pão e aos fígados e então coaram e puseram tudo numa panela e ferveram com mel. Assaram os pombos, e quando estavam meio cozidos, enfiaram-nos numa panela com

o molho dos fígados. E fizeram um creme de amêndoas e maçãs. Com maçãs bem doces, descascadas, cortadas e sem o miolo, fervidas em água. E à parte prepararam o molho, com um punhado de amêndoas torradas que picaram num pilão e afogaram no caldo das próprias maçãs, para fazer o leite de amêndoas, ao qual acrescentaram miolo de pão e mel.

O pároco de Querós enunciou as proclamas. Ninguém manifestou nenhum impedimento e os noivos se casaram na presença dos parentes. O pároco disse as palavras de praxe. “Você, Francesc Llobera, entrega seu corpo à Margarida, que aqui está, como seu fiel marido.” *Dixit quod sic. Et eodem modo dixit.* “Você, Margarida Clavell, entrega seu corpo como fiel esposa ao Llobera, que aqui está.” *Que nullum dedit responsum.* E Francesc, com a covinha no queixo e as mãos ásperas cheias de anéis, segurou as bochechas dela, e por causa da luz tão ofuscante que a alegria oferece, a Margarida não enxergava nada.

Então soaram os sinos. Sinos e mais sinos. Que repicavam. Estridentes e metálicos. Sinos dentro de casa. Sinos que não celebravam um casório, mas que chamavam os mortos, davam aviso de incêndios, de lobos, tempestades, ladrões, advertiam sobre coisas terríveis que vinham vindo e se aproximavam, para que todos acordassem. E fez-se a luz na sala. Como uma bofetada. Era uma luz suja. Mentirosa. Amarela. Um ultraje. A claridade falsa se enfiou por baixo da porta, e a Margarida, sentada no escuro ao lado da Bernadeta, girando os polegares, deu um pulo da cadeira, como se a tivessem espetado. Ouviram-se uns passos de doninha chegando perto. A maçaneta da porta girou com um rangido sutil. E apesar de lá fora as árvores e o bosque não renunciarem à escuridão e se aferrarem às sombras, às umidades e crepitações, a luz postiça, que se opunha a eles, impôs-se e sufocou o negror como uma torrente. Marta entrou no aposento. Era uma mulher

feia, segundo Margarida, avantajada, de cara redonda, ombros generosos, peitos salientes e bunda farta. Tinha o cabelo des-penteado, achatado sobre o crânio, e vestia uma roupa de dormir estrambótica. De duas peças, cor-de-rosa, com coelhinhos cinza com barriga e orelhas brancas. Do pescoço pendiam uns óculos de armação de conchinha, e ainda trazia um espelhinho na mão. E era dentro do espelhinho que estava a igreja, inteira. E era dentro da igreja que estavam os sinos repicando. Em cima da mesinha de cabeceira, Marta acendeu uma segunda e maldita lamparina de luz errônea e sem chama, que você podia assoprar que não apagava. Só se você desse uma batida. Mas tinha que ser uma batida forte. Pam! Pam! Pam! A Margarida dava golpes quando ninguém estava olhando. E então, quando tentava acendê-las e a feitiçaria não funcionava, Marta resmungava, e ficava admirada, que não era possível, que o circuito elétrico daquela casa era uma merda, tinha queimado de novo!

Marta murmurou o nome da Bernadeta, e a Margarida virou a cabeça, porque aquela luz era falaciosa e incômoda, e porque não queria ver a Marta nem as coisas que ela fazia. A Marta estava viva. Havia um caminho repulsivo pelo qual não passara. Ainda. Havia nascido, como todas as coisas que nascem. Mas a Marta não morrerá. Ainda. Como todas as coisas que morrem. E era a lei divina, universal, a primeira — por mais que naquela casa estivessem cagando para elas, para as leis primeiras — que para os vivos você não olha, você não os toca, você não fala com eles. Nada. De costas. Passa! Como se fossem um sapo, uma urtiga, uma bosta de vaca. A Bernadeta mexeu os lábios, estalou a língua dentro da boca pastosa, engoliu saliva e abriu os olhos sem pestanas, como duas feridas. A Marta lhe deu bom-dia, e a velha fez um som que a Margarida achou displicente. Perguntou se ela queria fazer xixi e, sem esperar a resposta, afastou os lençóis e cobertores. A Bernadeta

vestia uma camisola esgarçada, que deixava descobertos seus braços transparentes, cheios de pelancas. A mulher desceu as pernas nuas da cama, pôs seus pés deformados dentro de umas alpargatas e passou um braço pelos ombros da Marta. E devagar, porque era uma velha pesada, levantou-se e saíram do quarto, deixando a lamparina acesa. A Margarida bufou. Insolentes! Como se agora as mulheres e os homens decidissem isso, quando deve ser de dia e quando deve ser de noite. Porque andavam agora pelo mundo como se fosse deles, tendo o direito de ver todas as coisas, até as que não têm que ser vistas. Descarados! Como se não fosse mais Deus quem tivesse a medida de tudo, nem quem determinasse a escuridão das noites e a extensão dos dias. Ouviu as duas atravessando a sala. Entrando na latrina que haviam construído dentro de casa, sem o menor pejo, e as nádegas da Bernadeta dando uma pancada fria ao caírem sobre o vaso. Era de porcelana branca, como se fossem marquesas. Ouviu o som do jorro de vaca. E a voz da Marta que perguntava à Bernadeta se tinha dormido bem. Os sons desinteressados da velha. E se tinha fome, e a Bernadeta murmurando, hmmm, se queria descer para tomar café da manhã, que foi a única pergunta que a velha respondeu com clareza. Não. Então voltaram ao quarto arrastando-se, e se sentaram na cama, que era alta, curta, austera, com uma cabeceira de barras metálicas. Marta destampou uma garrafa que não quebrava e despejou água num copo verde, de vidro bom. Em cima da mesinha havia uma montanha de caixas brancas, azuis, cinza, que a Marta revirava. A velha estendeu uma mão trêmula, e Marta então lhe deu sementes. Uma vermelha. Uma laranja e azul. Duas pequenas e brancas. Uma redonda com uma risca no meio. A Bernadeta as engoliu. A Marta voltou a encher o copo e jogou dentro dele uma moeda amarela, que ficou revirando dentro d'água como quem se afoga, soltando bolhas. Quando se afogou, Bernadeta bebeu e

Marta lhe disse que voltaria com um chá de camomila e uma torrada para o café da manhã. A velha pediu geleia, e Marta saiu encostando a porta e deixando a luz falsa da mesinha de cabeceira acesa. E a Margarida reclamou, como se não fossem castigo e desgraça suficientes todas as outras! Todas as mulheres daquela casa, mal-agraçadas, maçantes, frívolas, pérfidas, cutucando feridas, indolentes. E ainda ter que aguentar a Marta, que era boçal, tosca, burra, um estrupício, uma cabeça oca. Mas a condenação não parava aí. Ah, não. Porque o sofrimento da Margarida não conhecia fim. A Marta tinha uma filha chamada Alexandra. Fruto do pecado e do vício, como a maioria dos malcriados daquela casa. Se bem que a Alexandra nem tinha nascido no casarão. Nascera fora. Por isso a moça era desarraigada, lisa, renegada e despreocupada, e quase nunca dormia ali. E uma mulher incrédula poderia achar uma sorte que aquela moça preguiçosa da Marta, sem paciência, nem disposição, nem sangue nas veias, sem um pingão de respeito, não dormisse quase nenhuma noite no casarão. Mas vai lá saber onde dormia!, dizia a si mesma a Margarida. Como se não fossem aprender nunca a lição, ali no Mas Clavell. Tropeçando nas mesmas pedras, uma vez e outra. Com homens e com demônios, que era com quem Alexandra dormia! Enquanto a mãe dela, Marta, que tinha o entendimento curto como um rabo de cabra, importunadora, desconhecadora de tudo e desmemoriada, que por não saber não sabia nem quem era Margarida!, passeava pela casa como se fosse sua, acendendo e apagando luzes e mijando pelos cantos, com aquela sua cabeça totalmente oca que esquecia de tudo, que fazia clingue-clingue, clangue-clangue, clongue-clongue.